

Índice

EUA: Estivadores vão fechar portos contra a guerra	01
Globalização da luta: Comitês mundiais expandem ação sindical	02
Trabalhadores apresentaram livro sobre a OMC e os TLCs	03
Greve na Sidor após nacionalização	04

INTERNACIONAL

EUA: Estivadores vão fechar portos contra a guerra

Os estivadores filiados ao International Longshore and Warehouse Union decidiram paralisar o trabalho por oito horas em todos os portos da Costa Oeste no Primeiro de Maio, Dia Internacional dos Trabalhadores, pedindo um fim na guerra.

O anúncio veio logo depois de milhares de pessoas terem protestado nas ruas no final de março em protesto contra as guerras no Iraque e Afeganistão. Na semana passada uma pesquisa de opinião realizada pelo New York Times e pela CBS mostrou que 81% dos norte-americanos acreditam que o país esteja no caminho errado.



A decisão no sindicato foi tomada depois de um apaixonado debate onde os veteranos do Vietnã filiados mudaram a opinião da maioria em favor da resolução contra a guerra. A moção chama a guerra de uma ação imperial pelo petróleo onde as vidas da juventude da classe operária e dos civis iraquianos estão sendo desperdiçadas e declarou o Primeiro de Maio um feriado "Sem Paz, Sem Trabalho" (No Peace, No Work). Os estivadores estão angustiados pelo fato dos representantes Democratas terem sido eleitos pela paz, mas agora continuam votando fundos para ela e decidiram exercer seu poder nas Docas.

A Pacific Maritime Association, a associação patronal das empresas das Docas e operadores de terminais declarou sua oposição ao protesto dos estivadores. Isso está criando um cenário de conflito nas negociações para a renovação dos contratos de trabalho.

O Sindicato dos Estivadores de São Francisco (San Francisco Longshore Union) tem uma orgulhosa história de oposição à greve do Iraque, sendo o primeiro sindicato a conchamar por um fim da guerra. Representantes do sindicato falaram nas passeatas contra a guerra de fevereiro de 2003, antes da invasão, inclusive um em Londres onde participaram cerca de 2 milhões de pessoas, o maior realizado na Inglaterra. Clarence Thomas, membro da Junta Executiva do sindicato foi ao Iraque com uma delegação para ver os direitos dos trabalhadores durante a ocupação.

No começo da invasão do Iraque, milhares de trabalhadores protestaram nas Docas de Oakland e os estivadores participaram dos piquetes. A polícia de choque abriu fogo contra os manifestantes, sem qualquer aviso, utilizando os chamados projeteis não-letais – balas de borracha, granadas sônicas e gás lacrimogêneo. A Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas caracterizou o ataque como "o mais violento" contra manifestantes contra a guerra nos Estados Unidos. *(Jack Heyman - ele é estivador e trabalha nas Docas de Oakland, Open Forum, San Francisco Chronicle, 09.04.2008)*

Globalização da luta: Comitês mundiais expandem ação sindical

Os trabalhadores se organizam internacionalmente para aumentar o poder de luta, defender os direitos e ampliar conquistas. Já são 22 comitês na categoria



Desde a década de 80, a partir da intensificação da globalização, com as multinacionais aumentando seus investimentos fora dos países de origem, os trabalhadores ampliaram a troca de informações e criaram comitês como forma de aumentar o poder da luta pela manutenção de direitos e avanços nas conquistas.

Trabalhadores da Ford e LG reunidos no Pampas Palace Hotel, em São Bernardo

Os comitês são organizações que reúnem trabalhadores das fábricas de uma mesma empresa, independentemente de sua localização ou país. Aqui no Brasil, essa organização global é mais forte no setor metalúrgico, tanto no automotivo como no siderúrgico.

"Um dos objetivos dos comitês é diminuir as diferenças regionais tanto nas fábricas aqui no Brasil como nos demais países", disse Valter Sanches, secretário da Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT) e representante brasileiro no comitê mundial dos trabalhadores e no conselho de direção da Mercedes-Benz.

A partir dos comitês mundiais, os trabalhadores passaram a negociar com as multinacionais acordos de proteção ao meio ambiente e respeito às normas da Organização Internacional do Trabalho, além de salário e condições de trabalho decentes em todas as fábricas.

"Uma das atuais preocupações da CNM/CUT é estender esses acordos aos fornecedores das montadoras", disse Sanches.

Metalúrgicos já criaram 22 comitês

Aqui no Brasil, a base metalúrgica já conta com 22 comitês, o último deles criado no último final de semana durante encontro de sindicalistas da empresa LG, que tem unidades em Taubaté e Manaus.

"No encontro eles perceberam as diferenças salariais e de tratamento existentes nas duas fábricas", disse Paulo Cayres, diretor da CNM/CUT e trabalhador na Ford de São Bernardo.

Ele disse que a troca de informações entre os trabalhadores facilita a ação sindical e impede de a empresa levar vantagem.

Paulão afirmou que os comitês permitem ao pessoal conhecer as condições de cada planta e fazer uma pauta única a partir das melhores condições de cada acordo.

Pessoal na Ford fez encontro nacional

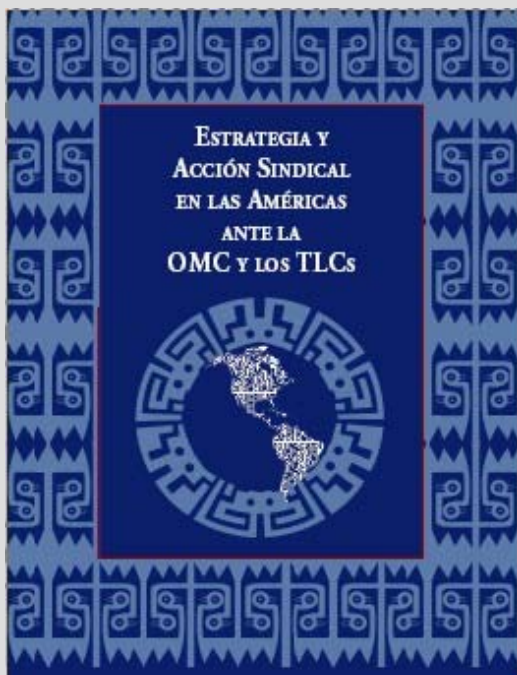
Com a presença de 30 metalúrgicos, foi realizado no final de semana o 4º Encontro dos Trabalhadores na Ford que, entre outras decisões, deu encaminhamento à criação do comitê nacional.

Os participantes também aprovaram uma pauta de atuação comum levando em conta as melhores condições de cada planta.

Paulão destacou a importância desses encontros, pois são neles que os trabalhadores conhecem a realidade de cada fábrica. "Além disso, há um fortalecimento da atuação sindical", concluiu. (*Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 09.04.2008*)

Trabalhadores apresentaram livro sobre a OMC e os TLCs

Um importante livro-documento relacionado aos tratados de livre comércio e a OMC foi apresentado durante o Congresso Fundador da CSA



Este livro reflete muito bem os desafios e perigos que a liberalização do comércio através dos Tratados de Livre Comércio representa para os trabalhadores e o desenvolvimento sustentável nas Américas.

O material agrupa várias contribuições de dirigentes sindicais e técnicos vinculados a suas organizações nas Américas. Todas as contribuições descrevem a luta e as estratégias sindicais para enfrentar os acordos de livre comércio.

Versão eletrônica do livro:
[Estrategia y Acción Sindical \(pdf\)](#)

Os sindicatos precisam dar uma resposta forte a esses acordos, porque eles atingem o desenvolvimento sustentável e os pro-cesso de integração regional.

Parte desta estratégia sindical foi a criação do Grupo Sindicatos OMC dos países da América Latina, que respondeu às negociações da OMC, em particular às negociações sobre a liberalização dos produtos não agrícolas (NAMA), através de teleconferências.

Estas negociações do NAMA necessitam, por seu importante impacto no emprego de nossos países e na capacidade de se utilizar de políticas de desenvolvimento industrial, uma forte resposta sindical. Durante 2007 e 2008 foram publicadas cinco declarações sobre as negociações, mostrando como a Rodada de Doha se afasta cada vez mais da meta de desenvolvimento.

Os sindicatos integrantes deste grupo discutiram as respostas a estas negociações na OMC e estas ações e os seus resultados estão relatados no livro. O livro apresenta, além disso, as experiências e respostas dos sindicatos aos Tratados de Livre Comércio, que também fazem parte das discussões do grupo Sindicatos OMC.

A apresentação deste livro chega num momento muito importante porque as negociações na OMC entram em sua fase final. Uma fase que poderá levar rapidamente à conclusão de um acordo multilateral – um acordo que vai mudar o setor industrial nos países da América latina. Muitos empregos em vários setores correm o risco de desaparecer com as propostas em discussão na OMC, e seria mínima a possibilidade de criar mais empregos no setor industrial. Trata-se de um momento muito importante para reforçar as ações quanto ao NAMA na OMC e de continuar a luta contra os acordos de livre comércio.

Leia no livro o texto do nosso companheiro Fernando Lopes da FITIM, “Comércio desenvolvimento e Emprego: A participação dos metalúrgicos latino-americanos no Debate”

Greve na Sidor após nacionalização

Os funcionários da siderúrgica venezuelana Ternium Sidor paralisaram os despachos de produtos a partir da meia-noite de quarta-feira, após o anúncio da nacionalização da empresa, disseram à Reuters líderes sindicais e a empresa.

O sindicato Sutiss explicou que tomou a medida para evitar irregularidades enquanto o governo decide como executar o processo de reestatização.

"Está paralisado agora e até novo aviso", disse à Reuters o presidente do Sutiss, José "Acarigua" Rodríguez.

Uma fonte da empresa confirmou a notícia e especificou que 300 caminhões e dois navios estavam parados. Afirmou ainda que a Sidor tem pedido a intervenção do governo para solucionar a situação, que classificou de "ilegal" e que prejudica a cadeia produtiva.

Os líderes sindicais disseram que entrariam em contato na quinta-feira com o ministro de Indústrias Básicas e Mineração, Rodolfo Sanz, para coordenar as diretrizes de funcionamento e controle da empresa durante as negociações.

"Suspendemos os despachos até que entremos em acordo com o governo", afirmou Nerio Fuentes, secretário-geral do sindicato.

Ele explicou que as operações de produção não foram afetadas e que há uma comissão dos trabalhadores vigiando o centro de operações da siderúrgica para evitar a saída de informações.

O governo decidiu pela renacionalização da Sidor depois de fracassarem as negociações entre a empresa e o sindicato para aprovar uma nova contratação coletiva.

O secretário-geral do sindicato da Sidor, Nerio Fuentes, afirmou que o vice-presidente da Venezuela informou à companhia e aos funcionários sobre a decisão tomada em reunião realizada no final da terça-feira.

"Estamos aqui comemorando em assembléia a decisão de que a Sidor retornará às mãos do Estado", disse Fuentes à Reuters em entrevista por telefone. Um ministro do governo que pediu para não ser identificado confirmou a decisão de nacionalização.

No fim de semana, o presidente venezuelano, Hugo Chávez, afirmou que seu governo assumiria a responsabilidade na negociação com a companhia em uma disputa trabalhista que envolve pagamento dos funcionários e que gerou uma série de greves regulares nos últimos meses.

Representantes da Techint, a empresa argentina que controla a Sidor, não estavam imediatamente disponíveis para comentar o assunto. A companhia detém 60 por cento do capital da siderúrgica e o governo venezuelano possui outros 20 por cento. O restante está nas mãos de trabalhadores e ex-funcionários da empresa

A brasileira Usiminas detém participação na Ternium. Representantes da empresa não comentaram imediatamente a decisão.

A Ternium Sidor, privatizada em 1997, é a principal siderúrgica da região andina e Caribe. As usinas principais estão próximas da cidade de Puerto Ordaz, no sudeste da Venezuela. *(Por Brian Ellsworth, Ana Isabel Martínez e Fabián Andrés Cambero)* *(Reuters, 11.04.2008)*